

EDUCAÇÃO E CIDADANIA NO LIVRO DIDÁTICO DA EJA

Eliacy dos Santos Saboya Nobre

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (FACED/ UFC). Professora da Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: elysaboya@yahoo.com.br

Introdução

O artigo ora apresentado tem como fonte de investigação o livro didático utilizado na Educação de Jovens e Adultos (EJA- 1º segmento¹). Tal pesquisa, realizada no nosso mestrado em Educação, teve como objeto de estudo a relação entre ideologia e educação, no contexto da sociedade capitalista.

Observamos que alguns textos presentes nos livros utilizados nas salas de aula de jovens e adultos negavam as condições e os interesses históricos dos trabalhadores, ocultavam a realidade das relações capitalistas de trabalho, dissimulavam os interesses antagônicos entre capital e trabalho etc. Diante disso, começamos a nos questionar se estes materiais didáticos seriam fortes instrumentos de disseminação da ideologia dominante entre as classes trabalhadoras.

A escolha do livro didático de EJA, e não de outro meio mais eficiente na disseminação de ideologias, como a televi-

¹ O 1º segmento da EJA é a etapa que corresponde aos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Na rede pública municipal de Fortaleza a EJA 1º segmento está estruturada em três fases: EJA I (alfabetização, atualmente 1º ano), EJA II (2º e 3º anos) e EJA III (4º e 5º anos).

são ou o rádio, se deu por várias razões: por ser o material de leitura mais utilizado pelos educandos, e, muitas vezes, o único que possuem em suas residências; por ele possuir, como nos diz Fernandes (2004), uma dimensão material e simbólica muito forte para aqueles que dele se utilizam; por ser o instrumento que, a nosso ver, mais auxilia a prática educativa do professor, especialmente o professor de EJA, que, na maioria das vezes, está trabalhando no seu terceiro turno (noturno) e não dispõe de tempo livre para criar atividades diferenciadas para os seus educandos; e, por fim, por possuir, no imaginário de grande parte das pessoas, um caráter científico, transmitindo uma espécie de verdade incontestável.

Segundo Chopin (2004), os livros didáticos exercem quatro funções essenciais:

(1) função referencial, (2) função instrumental, (3) função ideológica e cultural, e (4) função documental. Neste trabalho, queremos destacar a terceira função, que, segundo esse autor, “é a função mais antiga. A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educativos, o livro didático se afirmou como um dos vetores essenciais da língua, da cultura e dos valores das classes dirigentes” (CHOPIN, 2004, p. 553).

Destarte, acreditamos que o livro didático é “um objeto cultural contraditório que gera intensas polêmicas e críticas de muitos setores, mas tem sido sempre considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização” (BITTENCOURT, 2004, s/p.).

Os livros didáticos de Educação de Jovens e Adultos que escolhemos para nossa análise foram aqueles que já foram utilizados pelas escolas da rede pública municipal de Fortaleza, no primeiro segmento (anos equivalentes ao Ensino Fundamental I, ou, como é denominado nas escolas municipais de Fortaleza: EJA I, EJA II e EJA III). Nosso recorte é de 2000 a 2009, o que perfaz um total de cinco coleções, mais especificamente, dezenove exemplares analisados².

Para tanto, realizamos uma *pesquisa documental*, pois os livros didáticos podem ser considerados documentos no sentido amplo do termo, fontes ainda não exploradas, visto que “ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise” (SEVERINO, 2007, p. 123).

² A primeira coleção utilizada pelas escolas de Fortaleza que ofertam EJA foi a **Viver, Aprender: educação de jovens e adultos** (Livros 1, 2, 3, 4). Cláudia Lemos Vóvio (coordenação) — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998, no ano 2000. Posteriormente, foi utilizada a coleção **Educação de Jovens e Adultos** (Cadernos 1, 2, 3, 4). Série Educação para a Cidadania. Autores: Christiane Grecco Ivanaskas Fernandez, Dirceu Zaleski Filho e Silvana Maria Guglielmi Lazzari Paroni. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a), bem como o livro de alfabetização: **Ler e escrever o mundo: alfabetizar letrando**. Autores: Dirceu Zaleski Filho e Samanta Martinelli Carlucci. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a), em 2006 e 2007. A partir de 2008, as coleções: **Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Sociedade, Cultura e Trabalho** (Cadernos 1, 2, 3, 4) Autores: Marcos Saliba, Wilson Réu e Helaine Fernandes. Editora: Escala Educacional; **Educação de Jovens e Adultos — CRESCER — Nossa escola, nossa vida**. Autores: Jamila Alves e João Luiz de Oliveira. Fortaleza: Tecnograf, 2005. (Livro de alfabetização/ letramento) / **Educação de Jovens e Adultos — CRESCER — Vivendo e Construindo**. Autores: Jamila Alves e João Luiz de Oliveira. Fortaleza: Littere, 2005. (vol. 1 e vol. 2) e **Educação de Jovens e Adultos- Conhecer e Descobrir**. Autores: Maria Rita Costa de Souza e Wilma Jane Lekevicius Costardi. São Paulo: FTD, 2004, estão sendo utilizadas pelas escolas da rede municipal até o ano de 2009.

Antes de apresentarmos a análise dos livros propriamente, faremos algumas observações de caráter elucidativo da metodologia de trabalho por nós adotada em relação à análise do material: (i) fizemos uma leitura do material como um todo, portanto, nossas considerações não serão sobre uma única coleção, um único livro ou um único texto, mas dos textos em geral. Em outras palavras: analisamos os textos de uma forma abrangente, pois as diferenças entre um livro e outro e entre uma coleção e outra não se apresentam como fundamentais para os nossos objetivos; (ii) para a análise dos livros didáticos, observamos: os textos, tanto os dos autores dos livros, como os de outros autores que lá estão presentes, por exemplo: poesias, letras de músicas, reportagens etc., bem como as questões que aparecem, algumas vezes antes ou logo após os textos, para serem debatidas entre os educandos, respondidas por eles no livro ou no caderno.

Iniciamos a análise dos livros com uma leitura minuciosa de todos os dezenove exemplares, perfazendo um total de 4.468 páginas e identificamos, primeiramente, tudo o que se referia ao tema Trabalho. Desde uma frase solta, um problema de matemática ou até longos textos, tudo o que tinha alguma relação com o tema foi registrado: carga horária de trabalho; condições de vida dos trabalhadores; salário; gastos do trabalhador; direitos e deveres dos trabalhadores; greves; operários; relação entre patrão e empregado; profissões; desemprego; inserção no mercado de trabalho; trabalho e educação; trabalho informal; atividades econômicas; migrações e imigrações dos trabalhadores; trabalho dos índios; relação

entre trabalho do campo e trabalho da cidade; trabalho da mulher; trabalho escravo; trabalho infantil; trabalho no campo; trabalho e meio ambiente; trabalho social e trabalho dos deficientes. No decurso dessa atividade, ficaram agrupados todos os textos e questões relacionadas a um mesmo assunto.

Como o esperado, o tema trabalho é recorrente nos livros didáticos de EJA, o que pode significar, além da estreita relação com o público da EJA, uma influência freireana quanto à importância de utilizar os temas geradores que se vinculam à realidade dos próprios alunos. Entre tantos assuntos relativos à temática do trabalho, escolhemos o da relação entre trabalho e educação devido à importância desses dois complexos no mundo dos homens.

De antemão, nos questionamos: O que trariam os livros didáticos acerca dessa relação? Poderiam esses livros auxiliar os educandos no desvelamento do mundo do trabalho de uma forma crítica? Ou apenas reproduziriam os ditames da sociedade capitalista? Que ideologia traz explicitamente? E mais, para os livros, o que é trabalho? Quem trabalha? Quem são os trabalhadores presentes nos livros didáticos?

Para cumprir o nosso objetivo, identificamos e sistematizamos como a relação entre trabalho e educação está sendo difundida nos livros didáticos da EJA, fazendo uma análise marxista desta. Para tanto, dividimos nossa análise em seis subtemas: a educação como um direito negado; a educação e o trabalho infantil; a educação escolar em primeiro lugar; a dificuldade de relacionar trabalho e estudo; a pouca (ou nenhuma) escolarização frente à exigência do trabalho; e a edu-

cação e o desemprego. Neste artigo, examinaremos apenas o primeiro subtema: *a educação como um direito negado*.

Inúmeros foram os textos que encontramos nos dezoito livros analisados que versavam sobre os direitos e deveres dos trabalhadores. Se comparados, os textos que versavam sobre os direitos dos trabalhadores apareceram muito mais vezes do que aqueles que tratavam dos deveres. A nosso ver, isso é um reflexo do fato que pode ser “empiricamente verificável” no nosso país: a negação de direitos para a classe trabalhadora.

No que se refere especificamente à educação, percebemos que vários são os textos nos quais a educação é tratada como um direito dos trabalhadores, que, embora respaldado legalmente e conquistado através da luta, na prática ainda é precariamente efetivado. Vejamos os textos:

“DIREITOS DOS TRABALHADORES

Trabalhadores, crianças, idosos e portadores de necessidades especiais

Trabalhadores rurais e das fábricas sem direitos assegurados — com péssimas condições de trabalho — ,crianças que eram vistas como “mini-adultas”, idosos tidos como improdutivos, deficientes colocados à margem da sociedade. Todos esses setores também tiveram um árduo caminho para terem seus direitos garantidos e serem vistos como iguais: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza.” Apesar disso, ainda encontramos situações desumanas

de trabalho, **crianças sem proteção e estudo**, idosos esquecidos em asilos e portadores de necessidades especiais lutando para serem incluídos na sociedade (SUPLEGRAF 3, p.157/ **Grifos nossos**).

“Quando os brasileiros se organizam em sindicatos, associações de moradores, lutam pelos seus direitos, fazem do voto um dos instrumentos de consciência política, estão exercendo um direito de cidadania e um poder de decisão. Quando as mulheres, os negros, os índios, os deficientes, as crianças, os jovens e os idosos reivindicam igualdade e oportunidades de acesso à terra, **à educação**, à cultura, ao trabalho, à moradia, à alimentação, à saúde, estão exercendo formas de resistência contra a concentração desses bens nas mãos de poucos [...]” (CRESCER ALFABETIZAÇÃO, p. 208 /**Grifos nossos**).

Embora na sociedade moderna o acesso à educação escolar tenha sido expandido, permanece para os trabalhadores uma educação diferenciada, precarizada, enquanto para as classes dominantes é ofertada uma educação de base sólida. A dualidade do sistema educacional é a expressão das desigualdades sociais e a educação é ofertada de acordo com a posição dos indivíduos nas relações sociais, como sabemos.

Ainda sobre a temática da educação como um direito do trabalhador, encontramos um texto que nos chamou a atenção devido ao fato de ter posto o acesso à educação no conjunto de condições para uma vida digna que, salvo melhor juízo, concretizar-se-ia numa sociedade justa. Assim, vejamos, na íntegra, o texto intitulado “Direitos do trabalhador”:

“Os trabalhadores são cidadãos. Seu trabalho e os impostos que pagam contribuem decisivamente para o progresso e o bem-estar de toda a comunidade. Portanto, numa sociedade justa, todos têm direito a uma vida digna: trabalho em condições humanas, salário justo, moradia, assistência à saúde, acesso **à educação**, à cultura e ao lazer” (VIVER, APRENDER 1, p.223/ **Grifos nossos**).

Trata-se, verdadeiramente, de um texto que pode vir a desencadear ricos questionamentos sobre os direitos humanos, sobre os direitos sociais, sobre uma “sociedade justa”, sobre o que seria um “salário justo”, sobre qual a reivindicação mais revolucionária da classe trabalhadora etc.

Ainda sobre esses possíveis questionamentos, o livro, mesmo na “melhor das boas intenções”, ao defender premissas como um salário justo, defende também uma ideia conservadora, inserida dentro da lógica do capital. Assim, ao defender a limitação da jornada de trabalho e o aumento de salário, por exemplo, a classe operária não deve ver apenas os efeitos dos problemas sociais, mas sim as suas causas. Destarte, essa classe, ao invés de defender o “lema conservador: ‘Um salário justo por uma jornada de trabalho justa!’”, deverá inscrever na sua bandeira esta divisa revolucionária: ‘Abolição do sistema de trabalho assalariado!’”(MARX, 2006b, p. 142).

Também não se pode saber que sociedade justa é essa. Esta sociedade justa seria uma sociedade sem classes? Seria a sociedade comunista? Ou seria a sociedade capitalista “mais humanizada”?

Num outro livro, de outra coleção, além da relação entre educação, trabalho e direitos, encontramos a definição do que seria uma sociedade justa. Vejamos:

“Uma sociedade justa

Uma sociedade justa é aquela que tem Justiça Social, Participação, Pluralismo, Solidariedade, Desenvolvimento Sustentado”.

E pergunta aos alunos:

“c) Você sabe o que significam estas coisas? Explique-as com suas palavras.

d) Você acha que estes fatores são assegurados aos cidadãos no Brasil? Justifique com exemplos do cotidiano de sua cidade.

e) Explique por que uma pessoa analfabeta tem dificuldades de exercer sua cidadania.

f) Explique por que uma pessoa desempregada tem dificuldades de exercer sua cidadania” (ES-CALA 1, p. 162 / Grifos nossos)

Ao que parece, a sociedade justa estaria delimitada aos ideais da sociabilidade burguesa em cuja bandeira defende: pluralismo, solidariedade, cidadania etc. Nada que vá para além de um ideal de capitalismo “humanizado”, como se isto fosse de fato possível.

Uma outra temática que queremos levantar é a questão da cidadania, fortemente presente nas perguntas e nos textos. Aliás, durante o nosso levantamento sobre a temática do trabalho, em todas as coleções de livros didáticos, o tema da cidadania também foi recorrente. Duas, das cinco coleções que

analisamos trazem logo na capa de seus livros a palavra cidadania³. As questões partem, pois, da certeza de que a cidadania é uma realidade efetiva, ao alcance de todos. Analfabetos e desempregados teriam apenas dificuldades de exercê-la. Ora, o analfabetismo e o desemprego não estariam a demonstrar a “falta de cidadania”, tendo em vista que educação e trabalho constam no rol dos direitos dos cidadãos? A nosso ver, este tipo de pergunta traz uma inversão de causa e efeito, o que provoca, no mínimo, uma má leitura da realidade e um escamoteamento dos pressupostos sociais objetivos do analfabetismo e do desemprego.

Tonet (2005), em *Educação, Cidadania e Emancipação Humana*, realiza uma profunda análise crítica da cidadania fundamentada numa abordagem histórico — ontológica e nos afirma que: (i) a origem da cidadania moderna está cronologicamente e ontologicamente relacionada à origem da sociedade capitalista; (ii) a emancipação política não é sinônimo de emancipação humana, pois a primeira representa o que encontramos hoje, na esfera dos direitos etc, vinculada organicamente com a reprodução do capital, limitada, portanto; já a segunda estaria vinculada à construção de uma sociedade livre, uma sociedade comunista, tendo a possibilidade concreta de vir a existir; (iii) lutar pela cidadania não é o mesmo que lutar por uma efetiva liberdade plena.

³ (1) **Educação de Jovens e Adultos** (Cadernos 1, 2, 3, 4). **Série Educação para a Cidadania**. Autores: Christiane Grecco Ivanaskas Fernandez, Dirceu Zaleski Filho e Silvana Maria Guglielmi Lazzari Paroni. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a); (2) **Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Sociedade, Cultura e Trabalho** (Cadernos 1, 2, 3, 4) Autores: Marcos Saliba, Wilson Réu e Helaine Fernandes. Editora: Escala Educacional.

Vale registrar ainda, tomando como base os estudos do referido autor, que se trata de um grande equívoco pensar que o horizonte da cidadania se configura como o melhor que as possibilidades históricas podem oferecer. Tonet (2005) não nega a “importância da luta pelas objetivações democrático — cidadãs” (p. 124), nem nega os aspectos positivos da cidadania para a história da humanidade, especialmente para as classes dominadas, mas critica a ideia, hoje tão em voga, de que, se vivêssemos numa sociedade em que houvesse a efetivação da cidadania, tudo estaria resolvido e não haveria mais desigualdades sociais! Ora, se ser cidadão é ter direitos e deveres, é, pois, utilizando uma expressão de Tonet, “aceitar as regras do jogo”.

Esta é uma reflexão necessária aos alunos da EJA, os quais, por não terem seus direitos respeitados, são, veementemente, estimulados a lutar por sua “cidadania”. Sendo a educação de adultos vista como uma modalidade que deve formar cidadãos, formar pessoas para o exercício da sua cidadania. Entretanto, ainda com Tonet(2005), consideramos que:

[...] é uma brutal ilusão querer colocar a educação a serviço da formação de cidadãos, especialmente nos países pobres. Se já nos países ricos a cidadania mais aperfeiçoada implica, por força das coisas, a existência da desigualdade social, isto é muito mais verdadeiro no caso dos países pobres. Nestes últimos educar para a cidadania é formar para uma dupla ilusão: primeira, porque é impossível atingir a plenitude da cidadania (visto que o fosso ente ricos e pobres aumenta em vez de diminuir); segunda, porque mesmo que isto fosse

possível, não levaria à formação de pessoas efetivamente livres efetivamente sujeitos da história, dada a natureza própria da cidadania (p.123).

Assim, ao invés de lutar pela cidadania, Tonet (2005) nos convida a lutar pela emancipação humana, por uma nova sociabilidade, pautada no trabalho associado. E nos adverte que articular educação e cidadania, pensando estar fazendo uma articulação revolucionária, é uma grande ilusão, visto que, “embora pretendendo apontar para além da sociabilidade capitalista, não ultrapassa os limites impostos por ela” (p. 2

Nos livros didáticos analisados, no que tange ao subtema: *A educação como um direito negado*, concluímos que as referências aos direitos dos trabalhadores são uma constante e a educação é definida como um direito legalmente conquistado, mas precariamente efetivado. O acesso à educação, segundo os livros, se daria na concreção de uma “sociedade justa”, sociedade, esta, pautada pelos ideais da sociabilidade capitalista: pluralismo, solidariedade, cidadania etc., e, como este último ideal esteve bastante presente nestes materiais didáticos, fez-se necessário distinguir o horizonte da cidadania, do horizonte da emancipação humana.

E, mais um aspecto a considerar nos livros de EJA, é a falta de uma proposta de reflexão acerca das possibilidades de construção de uma nova sociabilidade, na qual o trabalho possa libertar o homem e a educação possa realizar, da melhor forma possível, o papel que lhes cabe: garantir, a todos, o acesso ao saber construído historicamente pela humanidade.

Referências

ALVES, Jamila; OLIVEIRA, João Luiz de. *Educação de Jovens e Adultos — CRESCER — Nossa escola, nossa vida* (Livro de alfabetização/ letramento). Fortaleza: Tecnograf, 2005.

ALVES, Jamila; OLIVEIRA, João Luiz de. *Educação de Jovens e Adultos — CRESCER — Vivendo e Construindo*. Autores: Jamila Alves e João Luiz de Oliveira. Fortaleza: Littere, 2005 (vol. 1).

ALVES, Jamila; OLIVEIRA, João Luiz de. *Educação de Jovens e Adultos — CRESCER — Vivendo e Construindo*. Autores: Jamila Alves e João Luiz de Oliveira. Fortaleza: Littere, 2005 (vol. 2).

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Em foco: história, produção e memória do livro didático. (Apresentação). *Educação e pesquisa*, set-dez, ano/vol.30, número 003. Universidade de São Paulo. SP, Brasil, 2004.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 549- 566, set/dez, 2004.

FERNANDES, Antônia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.3, p. 531 — 545, set-dez, 2004.

FERNANDEZ, Christiane Grecco Ivanaskas; ZALESKI FILHO, Dirceu; PARONI, Silvana Maria Guglielmi Lazzari. *Edu-*

cação de Jovens e Adultos (Caderno 1). Série Educação para a Cidadania. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a).

FERNANDEZ, Christiane Grecco Ivanaskas; ZALESKI FILHO, Dirceu; PARONI, Silvana Maria Guglielmi Lazzari. *Educação de Jovens e Adultos* (Caderno 2). Série Educação para a Cidadania. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a).

FERNANDEZ, Christiane Grecco Ivanaskas; ZALESKI FILHO, Dirceu; PARONI, Silvana Maria Guglielmi Lazzari. *Educação de Jovens e Adultos* (Caderno 3). Série Educação para a Cidadania. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a).

FERNANDEZ, Christiane Grecco Ivanaskas; ZALESKI FILHO, Dirceu; PARONI, Silvana Maria Guglielmi Lazzari. *Educação de Jovens e Adultos* (Caderno 4). Série Educação para a Cidadania. São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a).

MARX, K. *Trabalho assalariado e capital e Salário, preço e lucro*. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006 b.

SALIBA, Marcos; RÉU, Wilson; FERNANDES, Helaine. *Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Sociedade, Cultura e Trabalho* (Caderno1). Editora: Escala Educacional, (s/a).

SALIBA, Marcos; RÉU, Wilson; FERNANDES, Helaine. *Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Sociedade, Cultura e Trabalho* (Caderno 2) Editora: Escala Educacional, (s/a).

SALIBA, Marcos; RÉU, Wilson; FERNANDES, Helaine. *Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Socie-*

dade, Cultura e Trabalho (Caderno 3) Editora: Escala Educacional, (s/a).

SALIBA, Marcos; RÉU, Wilson; FERNANDES, Helaine. *Educação de Jovens e Adultos — Cidadania, Letramento, Sociedade, Cultura e Trabalho* (Caderno 4) Editora: Escala Educacional, (s/a).

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Maria Rita Costa de; COSTARDI, Wilma Jane Lekevicius. *Educação de Jovens e Adultos- Conhecer e Descobrir: alfabetização*. São Paulo: FTD, 2004.

SOUZA, Maria Rita Costa de; COSTARDI, Wilma Jane Lekevicius. *Educação de Jovens e Adultos- Conhecer e Descobrir: 1ª etapa*. São Paulo: FTD, 2004.

SOUZA, Maria Rita Costa de; COSTARDI, Wilma Jane Lekevicius. *Educação de Jovens e Adultos- Conhecer e Descobrir: 2ª etapa*. São Paulo: FTD, 2004.

TONET, Ivo. *Educação, cidadania e emancipação humana*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

VÓVIO, Cláudia Lemos (coordenação). *Viver, aprender: educação de jovens e adultos* (Livro 1) — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

VÓVIO, Cláudia Lemos (coordenação). *Viver, aprender: educação de jovens e adultos* (Livro 2) — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

VÓVIO, Cláudia Lemos (coordenação). *Viver, aprender: educação de jovens e adultos* (Livro 3) — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

VÓVIO, Cláudia Lemos (coordenação). *Viver, aprender: educação de jovens e adultos* (Livro 4) — São Paulo: Ação Educativa; Brasília: MEC, 1998.

ZALESKI FILHO, Dirceu; CARLUCCI, Samanta Martinelli. *Ler e escrever o mundo: alfabetizar letrando*. Autores: Dirceu Zaleski Filho e São Paulo: Editora Didática Suplegraf, (s/a).